

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 10

SUMMARIO

Medalha conferida aos tres laureados para premiar serviços prestados ás letras, ás artes e a Portugal, pelo socio Sá Villela, pag. 145. — *Epigraphia, inscripções romanas de Leiria*, pelo socio correspondente Victorino da Silva Araujo, pag. 148. *Apontamentos archeologicos, Medobriga*, pelo socio correspondente F. R. de Gasmão, pag. 152. — *Sarcophago d'el-rei D. Fernando I*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 153. *Mappa das amostras dos materiaes do districto de Leiria*, pag. 154. — *Hygiene, os cemiterios*, pelo socio Jorge Cesar Figanière, pag. 155. — *Material para construção, relativo á cal*, pelo socio Francisco José de Almeida, pag. 156. — *Noticia acerca dos órgãos da real basilica de Mofra*, pelo socio correspondente Joaquim da Conceição Gomes, pag. 157. — *Chronica, grande medalha de ouro conferida ao insigne architecto Mr. Duc pelo Instituto real dos architectos Britannicos*, pag. 159. — *Descoberta de um forno romano em Portugal*, pag. 159. — *Offerta do ex.^{mo} Barão de Maynard para o museu archeologico do Carmo de um tinteiro do estylo da renascença*, pag. 159. — *A designação dos differentes projectos de architectura civil apresentadas na exposição das Bellas-Artes em Paris pelos 66 architectos*, pag. 160. — *Recente descoberta de um forno romano em Cahorse (França)*, pag. 160. — *Considerações a respeito de um marco antigo com duas cabeças, que existe em Setubal*, pag. 160. — *Fundações de cursos de archeologia nas universidades livres e nos seminarios em França*, pag. 160. — *Inauguração de um instituto de archeologia christã em Roma*, pag. 160. — *Operação do trepano praticado pela população da idade da pedra polida*, por J. da Silva, pag. 160.

MEDALHA

DA

Real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes



Publica hoje o nosso jornal, o desenho dos cunhos para a medalha, que a Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, mandou esculpir, para premiar os serviços, que, nos ramos da sua instituição, forem prestados ás letras, ás artes e a Portugal.

Estes cunhos são destinados para medalhas d'ouro, de prata, e de bronze. Na sua face principal (anverso) representa-se a figura de Lysia, com uma coroa de carvalho em cada uma das mãos, na acção de apresental-as aos benemeritos. À direita, vê-se o templo hexastylo, d'architectura classica, conhecido pelo templo de Diana, d'Evora. À esquerda, a anta (dolmen) de Cintra, monumento prehistorico. Em volta, a legenda: *Real Assoc. dos archit. civis e archeol. portug. 1875.*

A outra face (reverso) circumda-a uma coroa de loiro, em cujo centro deverá ser gravado o nome do laureado.

A invenção é do architecto Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. O desenho do architecto e escultor, o Sr. José Maria Caggiani. A gravura do Sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho.

Quer parecer-me, que estes cunhos nada deixarão a desejar. É muito para louvar a invenção, pela unidade de pensamento, abrangendo com a maior felicidade, no seu conjuncto e como se fôra simples, toda a idéa complexa da instituição d'esta medalha. Portugal, symbolisado na figura de Lysia (nome que se dá a um supposto filho de Bacho, do qual se diz que provera o nome de *Lusitania* ou *Lysia*, á maior parte

do territorio que o nosso paiz hoje occupa),¹ está disposto a coroar Architectos e Archeologos. Aquelles symbolisados n'um edificio de architectura romana, o unico cujos restos em Portugal se vêem levantados, e aproveitados hoje para estabelecimento d'um museu archeologico; como foram as venerandas ruinas da egreja do Carmo, onde se fundou o nosso museu. Os Archeologos symbolisados pela anta da serra de Cintra, proximo da Penninha; uma das antiguidades pre-historicas mais notaveis entre nós.

Vê-se, que a idéa predominante foi ligar a architectura e a archeologia, a monumentos do nosso paiz; englobando a sciencia e a arte d'uma fórma, por assim dizer, inseparaveis. Por isso, o symbolo da arte, sendo muito caracteristico, é tambem uma archeologia: e o symbolo da archeologia uma antiguidade que se perde nas edades mais remotas, fazendo lembrar ao mesmo tempo a origem da architectura.

É digno d'elogio o desenho do Sr. Caggiani. E o cinzelado do Sr. Molarinho é primoroso. Este insigne artista já era bem conhecido, por muitos e bellissimos trabalhos da mesma natureza, que mereceram ser premiados nas exposições de Londres e Paris. Infelizmente a gravura em madeira, do sr. Alberto, alias perito, não pôde corresponder d'esta vez, á nitidez da esculptura no metal do sr. Molarinho.

A concessão d'esta medalha, será acompanhada por um diploma, onde se revela o mesmo pensamento artistico-archeologico-conterraneo, que na medalha se observa. No diploma vê-se o desenho do formoso arco polycurvo, que dá entrada para as capellas, chamadas *imperfeitas* por não terem sido acabadas, do monumental edificio da Batalha. Sob este arco, cujos primores de esculptura são admiraveis, está a epigraphe, o mais concisa possivel, que o diploma deve conter. São ainda caracteristicos os motes gregos, gravados em letras allemans, nos dois *sequintes* lateraes da archivolta como se vê no desenho; e os quaes o Cardeal Saraiva interpretou como allusivos a descobrimentos, e perscrutações.

Deu origem á instituição d'esta medalha, a seguinte

PROPOSTA

« É notorio que nos paizes nos quaes os estudos scientificos e artisticos teem o devido apreço, não só os governos d'essas nações mais cultas, são sollicitos em animar e premiar aquelles que se distinguem pelo seu saber, e pelos serviços prestados no maior desenvolvimento d'esses estudos; como, egualmente as associações fundadas para lhes dar impulso, curam em distinguir os seus membros que mais hão contribuido para o desinvolvimento dos seus trabalhos, ou tem enriquecido

¹ É mais possivel, que se dirive de *Lyceia*, vocabulo grego, que signica *Terra de Lobos*. Alguma vez tratarei d'esta etymologia, mais opportunamente.

a sciencia com diligencias dignas de serem citadas com louvor por nacionaes e estranhos, e de merecerem premios pela sua reconhecida valia.

Infelizmente, entre nós pouca attenção damos a esses uteis esforços, e muito menos se pensa em galardoar os trabalhos importantes e desinteressados de nossos compatriotas, que pelo seu talento, saber e investigações scientificas, são mui credores da admiração publica, e do reconhecimento da nação: e por esta mesma razão se lhes devem conferir distincções, tanto para os remunerar pelos seus importantes serviços, como para que ellas sirvam de estímulo a outros, a fim de os incitar a darem maior desenvolvimento a esses prestaveis estudos.

É pois para ser inaugurada no nosso paiz esta praxe seguida por muitas associações scientificas e artisticas, tão honrosa para quem a pratica, como bastante lisongeira para quem fôr mais digno de a receber; que tenho a honra de propôr: que sejam conferidas tres medalhas de bronze, as primeiras que esta Real Associação mandou cunhar, aos nossos benemeritos consocios, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto Filipe Simões pela sua excellente apreciação sobre a architectura do seculo XII em Portugal, e dos edificios que d'esta época ha em Coimbra. Outra medalha ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Martins Sarmiento, que tomou a iniciativa e generosamente concorreu, para ser restaurada, no seu primitivo estylo, a antiga egreja historica de S. Miguel do Castello de Guimarães. E tambem outra medalha pela importante publicação de numismatica de moedas nacionaes, trabalho de summo interesse, e o mais completo que Portugal possui, devido ao patriotico zelo do Ex.^{mo} Sr. Augusto Carlos Teixeira Aragão.

Cabrá por esta forma a esta Real Associação a honra de haver praticado um acto tão distincto e util; e dará ao mesmo tempo o mais subido testemunho de quanto anhele o progresso da architectura e da sciencia archeologica, ramos tão instructivos para a historia patria; concordando vós n'esta escolha, e votando-lhes tão merecida distincção.

Sala da Assembléa Geral, em 7 de Dezembro de 1875.

O socio fundador

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Sobre esta proposta, foi ouvido o Conselho Facultativo da nossa associação, segundo os seus estatutos, o qual deu o seguinte

PARECER

SENHORES

O Conselho Facultativo, tendo tomado conhecimento da proposta apresentada pelo Sr. Presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva, em Assembléa Geral, na sessão de 7 de Dezembro do anno findo, propondo os

tres socios: os Srs. Augusto Filipe Simões, Augusto Carlos Teixeira Aragão, e o Sr. Francisco Martins Sarmiento, para lhes serem conferidas tres medalhas; premio que esta Real Associação fundou ultimamente, para remunerar as pessoas que façam os mais relevantes serviços nos ramos architectonico e archeologico; os quaes constam pelas valiosas obras publicadas n'estes ultimos tempos, pelos dois primeiros mencionados socios, e pela restauração executada no typo primitivo da egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, pela generosa iniciativa do Sr. Martins Sarmiento: o Conselho depois de reflectida discussão, concordou com a referida proposta; posto que não desconhece haverem outros dignos socios, que por assignalados e anteriores serviços, em proveito das bellas artes e sciencias, de veriam ser igualmente contemplados: comtudo, o Conselho é de parecer. que a Assembléa Geral approve para serem conferidas essas tres medalhas aos cavalleiros a que se refere a citada proposta, como um devido testemunho publico que dará do reconhecido merecimento artistico e archeologico, d'estes benemeritos cultores da sciencia e das bellas artes.

Sala do Conselho, em sessão de 20 de Janeiro de 1876.

J. P. N. da Silva, presidente.

João Maria Feijó.

Valentim José Corrêa.

Visconde d'Alemquer.

Francisco José de Almeida.

C. Munró.

J. M. Caggiani.

Feliciano de Sousa Corrêa.

Ernesto da Silva.

Este parecer foi approved em assembléa geral de 11 de março do corrente anno, por unanimidade.

Os tres laureados bem mereceram a honrosa distincção, que lhes foi votada. A medalha conferida ao Sr. Dr. Augusto Filipe Simões pela sua obra: *Relíquias da architectura romano-byzantina em Portugal*; foi um justo reconhecimento do primeiro estudo de tal natureza, imprehendido entre nós. O auctor revela n'este excellente trabalho, os seus minuciosos e aturados estudos da architectura, nas epochas romana e da meia idade; especialmente pelo que respeita aos antigos monumentos da cidade de Coimbra, nos quaes a sua erudição e critica, judiciosamente se empregaram. Provando ao mesmo tempo, quanto está versado na historia da arte; como ainda depois comprovou no seu valioso opusculo — *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade media*, que pôde ter-se como digno complemento da sua primeira citada obra.

N'este opusculo, lê-se um paragrapho, o penultimo de que não posso deixar de transcrever aqui algumas linhas, não só pelas suas considerações cheias de historia e de verdade, mas ainda porque robustece o que

a respeito da architectura entre nós, já tive occasião de dizer no n.º 4 do nosso jornal. E o que eu desejaria que não esquecesse nunca a portuguez nenhum, governantes e governados, para que não deixassemos perder de todo esta gloria artistica, que tão cabida nos é, de havermos cultivado a architectura, desde o berço da monarchia, e com tamanha distincção. Ainda mais por ser esta uma das bellas artes, que melhor manifesta a civilisação d'um povo; mas a que modernamente por ahi vemos mais mazorral e abatida, sem ensinamento condigno, sem protecção superior, sem incentivo particular... O Sr. Dr. Simões escreveu isto: «Cousa notavel! Ao constituir-se a sociedade portugueza, n'uma epocha de contingencias, de perigos e luctas, a architectura desinvolve-se logo com rapidez, e produz monumentos perfeitos relativamente ao estado das artes, por esse tempo, nas outras nações da Europa.»

Foi tambem o Sr. Dr. Simões o restaurador do deposito archeologico, a que o sabio arcebispo Cenaculo havia dado principio na cidade d'Evora: indicando mui sensatamente, para estabelecimento do novo museu, os restos do templo de Diana; como se pôde vêr pelo seu opusculo: *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo*, 1869.

A segunda medalha, votada ao Sr. Francisco Martins Sarmiento, foi outra justiça praticada a favor de uma idéa, se não nova, nunca tão escrupulosamente estremecida e executada. Estava cabida em ruinas, a egreja de S. Miguel, do castello de Guimarães, do estylo architectonico a que chamarei *romão*, ou romano, para o distinguir do classico e do ogival. O sr. Sarmiento tomou fervorosamente a peito a sua restauração; mas com uma illustração, um bom senso, e uma tenacidade, dignas de todo o louvor.

O Sr. Sarmiento comprehendeu, que a restauração d'aquelle templo deveria fazer-se o mais rigorosamente possivel, no estylo e costumes da epocha em que primitivamente fôra construido. Ao cabo de trabalhoso lidar, tomadas as convenientes disposições, tem conseguido lograr o seu empenho. Honra lhe seja! Que exemplo este para os que, dizendo-se artistas, e para os que taes trabalhos lhes encarregam, por ahi procedem a conspurcações da arte em vez de restaurações: e não poucas vezes á custa da nação, que tem pago caro algumas vergonhas da nossa illustração, assim exposta á irrisão dos entendidos! (Ora quem será tão falto de toda a humanidade e conhecimento das letras, que não chore e leve a mal, tão nobres testemunhos da antiguidade, assim serem mal tragidos e desfigurados, por homens sandeus e mal ensinados?)¹

O Sr. Mousinho d'Albuquerque na sua *Memoria ácerca do edificio monumental da Batalha*, disse mui discretamente: «Quando a mão do tempo e a acção

¹ Diogo Mendes de Vasconcellos, apud *Antiguidades de Evora*.

invencível da natureza alteram as obras dos homens, quando as ruínas são o resultado inevitável do curso dos séculos; aquelle que as contempla sente uma impressão de respeito e por ventura de saudade, que se alguma coisa tem de melancólico não desperta outro algum sentimento menos contemplativo, nem menos suave... Um primor porém de elegancia e de gosto, menoscabado e adulterado pela inserção de um ornato grosseiro, disparatado, ou mesquinho, sómente desperta a indignação, e é contra o génio das artes uma flagrante blasphemia.»

Muito e muito bem fez, pois, a nossa associação votando esta medalha ao Sr. Francisco Martins Sarmento. Assim podesse ella servir de proveitoso estímulo á necessaria restauração artistica dos nossos antigos monumentos, como lhe é judicioso exemplo a illustrada iniciativa do Sr. Sarmento!

A terceira Medalha não foi com menos razão concedida ao Sr. Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, pela sua obra monumental de numismatica portugueza: *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes, e governadores de Portugal*. N'esta obra, que não poderia escrever-se sem longos annos d'aturado estudo, mostrou o Sr. Aragão achar-se completamente versado no assumpto de que tracta; e haver compulsado grande numero d'auctores estrangeiros, e porventura tudo o que entre nós a tal respeito se tem escripto, e existe impresso ou manuscrito.

Não seria esta a occasião, nem este o lugar de estudarmos alguns pontos muito interessantes, d'este importante trabalho do Sr. Aragão; mas póde affirmar-se, que nos honra as letras, e muito acredita no gremio d'ellas o seu distincto escriptor.

O sr. Aragão, é tambem auctor de outra obra de numismatica muito valiosa — *Descrição historica das moedas romanas, existentes no gabinete d'El-Rei D. Luiz I*, 1870; na qual, a par dos principios da numismatica, invocados com o melhor methodo, tractou especialmente da moeda romana com muita lucidez e desinvolvimento.

Deve-se ainda ao sr. Aragão o trabalhoso catalogo das moedas, medalhas e outros objectos d'arte e de industria, que fizeram parte da historia do trabalho de Portugal, na Exposição Universal de Paris de 1867.

Ninguem, que tenha conhecimento das circumstancias que deixo apontadas, poderá duvidar da imparcialidade, competencia e justiça, com que as tres medalhas foram conferidas aos benemeritos laureados. E como, ainda além do merito, ha que attender em taes distincções á nobreza do estímulo, intendeu-se por ventura, e creio que muito bem, que sendo os dignos laureados os que mais recentemente haviam prestado á sciencia e á arte serviços de tal distincção, a esses, como incentivo de novos imprevistos, deveria ser deferido agora o laurel. Sem que esta deliberação

porém, importe menos estimação, ou esquecimento, d'outros serviços já prestados, por eguaes benemeritos da sciencia e da arte; que naturalmente hão de ter alguma hora, o seu devido galardão.

18 d'Abril, 1876.

SÁ VILLELA.

EPIGRAPHIA

Inscrições romanas de Leiria e seus arredores

I

As inscrições lapidares não são por certo dos monumentos de menor valia, que os antigos povos legaram á posteridade. Faltando-lhes a imprensa, que diffunde e immortalisa os acontecimentos, elles entregavam frequentemente á pedra ou ao bronze, os successos que pretendiam salvar do esquecimento.

D'aqui o interesse que universalmente se liga a estes pequenos livros, cujas paginas foram escriptas com o cinzel. Com effeito elles ministram provas á historia, revelam-nos muitos costumes que, sem elles, ficariam sempre ignorados, dão luz ás investigações da archeologia, e rectificam não poucas vezes factos que até ahi passavam por verdadeiros.

D'entre esses povos os romanos, gente avida de gloria, foram talvez os que mais uso fizeram de similhante meio; e a nossa Lusitania, um dos paizes conquistados, onde elles, por ventura, não deixaram menos vestigios de sua longa presença, n'esta classe de monumentos.

Pennas doutissimas e respeitaveis se tem empregado em descrevel-os: eu só intento occupar-me n'este opusculo dos que se hão encontrado, alguns dos quaes ainda ineditos, no limitado territorio a cuja frente outr'ora figurou Collipo.

À entrada do castello, mettidas na velha muralha, veem-se umas 12 ou 14 lapides, medindo 1^m a 1^m,17 de comprido sobre 0^m,36 a 0^m,58 de largo, e 0^m,30 a 0^m,36 de espessura cada uma. Apenas de tres são inteiramente ou quasi inteiramente legiveis as inscrições; das de outras percebem-se sómente algumas palavras ou letras mutiladas; e d'ellas ha em que se não enxerga inscrição alguma, provavelmente por estar na face interior; pois me quer parecer que, sem inscrição, mal teriam razão de ser. Esta circumstancia leva-me a conjecturar que foram alli postas mais para encher, que com o proposito de as conservarem. Por outro lado, olhando á sua forma, creio que são antes uns cippos (*columellae*) dos que os romanos e tambem os gregos¹ costumavam levantar sobre as sepulturas,

¹ Cic. De Leg. II 26. — Id. Tusc. v. 23.

do que lousas (*mensae*) propriamente ditas, destinadas a cobrir os ossos ou cinzas dos mortos.

Dos AA. que escreveram tratados especiaes sobre inscripções romanas, e de que tenho noticia, apenas o visconde de Paiva Manso, ha pouco fallecido, e alguns jornaes de litteratura, mostram ter conhecido estas de Leiria; e ainda assim só a 1.^a e a 2.^a, e não sei, quanto a Paiva Manso, se tambem a 4.^a da presente collecção-zinha, como em seu logar observarei. Entre os historiadores, Brito mesmo e Faria e Sousa, que em suas obras consignaram bastantes, a respeito das de Leiria guardaram completo silencio. Quanto aos estrangeiros, o sr. Hübner, o unico cujo trabalho *Noticias Archeologicas de Portugal* tenho á vista, talvez por não as achar sufficientemente importantes, ou porque não as visse, é certo que não as transcreveu, limitando-se a dizer vagamente, que «no castello de Leiria teem apparecido varias lapides sepulcraes.» — E como o sabio archeologo, quando compunha a sua erudita memoria, compulsava ao mesmo tempo a collecção de Gruter, pois que d'ahi tomou não poucas, deixando de particularizar as de Leiria, dá-me occasião a suppor, que nem tão pouco o famoso antiquario belga soube ao menos que existiam.

Vou apresental-as.

1.^a

D. M. S.
M. FRONTONI
O. FRONTONI
M. FRONTONIV
AVITVS. PA
TRI. PISSIM
P. C.
S. T. T. L.

— *Dis Manibus sacrum M. Frontonio. Frontoni (i. f.) M. Frontoniu (s) Avitus-patri-piissim (o) ponendum curavit. Sit. libi. terra. levis* — Traducção: — Marco Frontonio Avito mandou levantar este padrão em honra de Marco Frontonio, filho de Frontonio, seu piissimo pai. —

2.^a

Agora é uma angustiada mãe prestando os mesmos officios a sua filha defuncta.

D. M.
ALBVRAE
TITI. F.
DVTIA
AVITI. F.
MATER
F. C.

— *Dis Manibus. Alburæ Titi, filiae. Dutia. Aviti, filia, mater, faciundum curavit.* — Traducção. — Consagrado aos deuses Manes. Em honra de Albura, filha

de Tito, mandou fazer esta memoria sua mãe Ducia, filha de Alvito. —

3.^a

D. M. S.
RVITAE
RVFI. F.
AN. XVII
RVFVS. RVFI
P. T. RVFI
VE. F.

— *Dis Manibus sacrum. Avitæ Rufi filiae anno rum . . . Rufus. Rufi, filius. Titus, Rufi (nus) Rufi, filium . . .* — Traducção: — Consagrado aos deoses Manes. Á memoria de Avita, filha de Rufo, que tinha . . . annos de idade, (levantaram esta lapide) Rufo, filho de Rufo, Tito Rufino, filho de Rufo . . . —

Esta inscripção está quasi apagada do tempo: o marmore mesmo foi mutilado, talvez para caber no logar em que se acha, restando apenas uma terça parte pouco mais ou menos. A porção que falta devia, quando mais não fosse, conter a formula F ou P C (*faciendum* ou *ponendum curavit*) e a deprecação S. L. T. L., que, de ordinario, fechavam as inscripções tumulares.

Não sei que alguem a tenha publicado, se não o sr. Pinho Leal no seu curiosissimo dictionario *Portugal Antigo e Moderno*, artigo *Leiria*.

4.^a

D. M.
VETIAE RV
FAN XI
N
VAE F
AE
T. T.

Quasi totalmente desfeita esta inscripção não se presta a interpretação alguma segura. Parece todavia ter por objecto uma Vecia, da mesma familia Rufus da inscripção precedente, fallecida entre os 15 e os 39 annos de idade.

Pode ser a mesma, que na sua collecção nos offerece Paiva Manso, como achada em Collippo, n'estes termos: D. A || VE || E || || sendo assim, o A da linha 1.^a estará alli erradamente por um M (*Dis manibus.*)

II

As duas que se seguem não pertencem ao castello, vão comtudo n'este logar por dizerem respeito á familia *Avitus* das tres primeiras.

5.^a

D. M.
DIADVMENO
CARISIAE
AVITAE LIB
.....

— *Dis Manibus Diadumeno Carisiae Avitae liberto*
— Tradução: — *Consagrado aos deuses Manes. À me-*
moria de Diadumeno, liberto de Carisia Avita... —

Esta inscrição acha-se no cunhal de uma sacristia velha do extinto convento de S. Francisco. Apareceu também a primeira vez, que eu saiba, no sobredito dicionário do sr. Pinho Leal.

Era um cippo; mas não está inteiro: falta-lhe uma porção considerável pela parte inferior. Na que existe observam-se ainda fragmentos de letras de umas cinco linhas; e talvez tivesse mais. Essas linhas deveriam conter, pelo menos, o nome do dedicador (uma esposa, um filho, um amigo...) e as demais fórmulas do estylo.

6.^a

— F S
— FRON
— NIVSA
VITVS
A L

— (Deae) *Fortunae sacrum*. (M?) *Front (o) nius*
Avitus animo libens. — Tradução: — *Consagrado (à*
deusa) Fortuna (Marco?) Frontonio Avito, de boa-
mente. —

Em 1807 achou-se n'uma excavação que se andava fazendo junto á nascente das aguas mineraes de Monte Real, no campo de Leiria, um considerável numero de moedas romanas de cobre; em algumas das quaes, posto que bastante deterioradas, se liam ainda os nomes dos imperadores M. Aurelio, Alexandre Severo, e Philippe; e n'uma apenas as letras INA, que poderiam ser o final do nome FAVSTINA, que era o da mulher de M. Aurelio. Umas estavam esparsas pela terra, outras encerradas n'uma cavidade coberta com um pequeno marmore, que teria approximadamente 0^m,24 de comprimento e 0^m,13 de largura, mas de uma forma especial. Em uma das faces d'este marmore estava gravada a inscrição precedente.¹

Tres auctores, que eu saiba, se têm occupado d'esta inscrição, e nenhum a apresenta do mesmo modo. Assim o dr. Francisco Tavares, de cujo livro tive a primeira noticia d'ella, traz na segunda linha FRON, e na ultima AI; o sr. Hübner FRONT lendo *Frontinius*, e A L; Paiva Manso um FRONYNIVS, que não sei como justificar-se. Vendo esta discrepância, pedi a um amigo competentissimo, que examinasse attentamente a inscrição no proprio monumento. A copia que exhibo, e que tenho por exacta, é feita sobre o seu testemunho. Com effeito, sendo N o monogramma de NT, estas le-

¹ Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza, diferentes especies etc., das aguas mineraes — Pelo dr. Francisco Tavares. — Part. I. — Coimbra, 1810.

O monumento conserva-se ainda no gabinete de numismatica da bibliotheca publica de Lisboa. Diz o sr. Hubner, na sua obra acima indicada, que é um pequeno altar portatil.

tras, se as ligarmos a um O, que certamente se apagou no principio da terceira linha, dão com as demais que se seguem até o fim da linha immediata, o nome *Frontonius* com o seu cognome *Avitus*, já bastante conhecidos pelas inscrições do castello.

III

Mui poderosa devia ser por certo esta familia, não só em Collippo, onde cinco inscrições se tem já descoberto com o seu nome, mas igualmente em outras terras da Lusitania. Sobejam dados para acreditar-o.

Assim, se consultamos o nosso bem conhecido antiquario André de Rezende, elle nos dá conta da seguinte inscrição, que, diz, fôra achada em Beja, e que attesta a presença da mesma familia no Alemtejo: — C. IVLIO. L. F. GAL|| AVITO. FRARI|| — VS. SABINVS — ¹; a qual o sabio eborense lê d'este modo: — *Caio Julio. Lucii filio galeria avito fratri sabinus* — Creio, que não tomou *avit* por adjectivo, como a orthographia pode fazer suspeitar; mesmo porque, como tal, não teria n'este logar significação alguma: mas os nossos classicos, aliás tão aprimorados a outros respeito, no tocante a orthographia não eram muito escrupulosos. Também se não faz cargo da desinencia VS, que está antes de SABINVS; a qual me parece a mim, segundo as regras da formação dos nomes dos romanos, ser o final do *nomen* IVLIVS, cujo principio se terá perdido. De sorte que, n'este supposto, a inscrição deverá escrever-se e ler-se: *Caio Julio, — Lucii filio, Galeria, Avito fratri, Julius Sabinus* —. Nem obsta usar um dos irmãos do appellido de *Avito* e o outro do de *Sabino*. É certo, que a praxe, entre os romanos, dava o mesmo *nomen* e *cognomen* do pai a todos os irmãos na mesma familia, porém esta praxe não era de tanto rigor, que algumas vezes não cedesse ao capricho, ou a considerações pessoaes, ao menos nos tempos do imperio. Por exemplo: quando no *dia lustrico* se havia de pôr o nome a Nero, a mãe pediu a Caligula, então imperador, que lhe pozesse elle o nome que quizesse, e Caligula, olhando para Claudio, disse que lhe punha o d'este principe.² O mesmo Nero depois tomou de seu bisavó este *cognomen*, desprezando o de seu pai, que era *Ahenobarbo*³ Tacito falla-nos ainda de um Rubellio Planto, cuja familia, ao que parece, tinha por *cognomen* *Blando*.⁴ Mas onde esta desviação do costume antigo se dava com mais frequencia era nas mulheres: poderia citar alguns exemplos; apontarei só um. O uso mandava, que seu nome fosse o próprio *nomen* do pae, apenas com uma ligeira alteração na desinencia, para indicar o sexo. Assim a filha de Cicero chamava-se *Tullia*, porque o pae era M. *Tullio* Cicero; a de Cinna

¹ De antiquitatibus Lusitaniae — L. IV.

² Suet. In Ner. 6.

³ Tacit. Ann. XII 26.

⁴ Id. ib. VI 27 e XIII. 49.

(L. *Cornelio Cinna*) *Cornelia*; a de Augusto (C. *Julio Cesar Octaviano*) *Julia*, etc. Não obstante, Poppêa Sabina, essa dama que tão celebre se tornou na côrte de Nero, a qual, por ser filha de Tito Ollio, se deveria chamar *Ollia*, preferiu a este nome o de sua mãe, ou, como quer Tacito, o de seu avô materno, Poppêo Sabino, de quem a mãe havia recebido devidamente o seu.¹ Quanto a vir, na inscrição, o *cognomen* depois da designação da tribu, era este o estylo lapidar.

No 5.º livro da mesma obra de Resende, composto por Diogo Mendes de Vasconcellos, vem outra inscrição da mesma familia, a qual inscrição, diz Vasconcellos, estava em uma torre do mosteiro de S. João da cidade de Evora. Eil-a aqui tal, qual a copiou Vasconcellos; IR. STLITB. IVDICAND ||. . . . LIA. Q. FAVITA MATER ||. . . . ITEMQVE D. D.— Parece ser uma consagração, ou uma dedicação, que um dos duumvros teria feito a alguma divindade ou personagem, de quem houvesse recebido mercê; acompanhando-o n'este acto de reconhecimento sua mãe, talvez o outro duumviro ou a cidade mesma, e os decuriões ou senado do municipio. N'esta hypothese, a lacuna que se observa no principio da primeira linha devia ter sido occupada pelo nome e, talvez, filiação do individuo principal, e naturalmente precedida de outra linha, que contivesse a declaração da entidade a quem a memoria era dirigida. O que falta na segunda linha é sem duvida a primeira parte do nome da mãe (*Julia, Cornelia, Servilia etc.*); e na terceira o nome do segundo duumviro, ou talvez antes as siglas CIV. ou MVN (*civitas, municipales.*) Finalmente, na segunda linha, onde está Q. FAVITA deve ler-se Q. F. AVITA (*Quinti Silia, Avita*): não tem questão.

Em Alfeizirão, o *Eburobritium* dos romanos, como geralmente se crê,² se descobriu, refere Brito,³ entre outras inscrições a seguinte, em que por duas vezes se faz menção do mesmo appellido: — SVLPICIAE || L. F. AVITAE || EX. T. SVO. Q. || SERVILIUS || AVITVS. HER || G. SERVILI. || LAVRI PATRIS || SVIF. C.— Parece ser a lapide funeraria de uma senhora, que em testamento deixára encarregado de lhe prestar as derradeiras honras seu parente, talvez irmão, 2.º Servilio Avito; o qual deporia o *nomen* do que era seu pae por natureza, conservando, como prescrevia o uso, o *cognomen*, e tomaria o de seu pae adoptivo, Gaio ou Caio Servilio Lauro, de quem pela adoptção, ficava igualmente constituido herdeiro. Esta matrona podia muito bem ser do sangue, quem sabe se irmã até? de outra do mesmo nome natural de Collippo, de quem reza esta outra inscrição colleccionada pelo sr. Hübner, e descoberta em Salir-de-Matos a pouca distancia de Alfeizirão: — D. M. S. || SVLPICIAE. COL || LIPPONESI. AN || XXXV. CALLECVS || IR. SL. VXORI || P P C.— Os dois *ii*,

que vão no principio da 5.ª linha, são meus, posto que na cópia que o sr. Hübner apresenta, tirada de outra de fr. José de S. Lourenço, não haja espaço para elles. Assim restabelecida, leio as duas siglas *iiR. SL. duumvir litibus* (judicandis) exactamente como julgo forçoso ler-se a abreviatura, parecida com esta, da inscrição de S. João de Evora, acima exarada. A explicação que, segundo em nota diz o sr. Hübner, dá Th. Mommsen, isto é, que as sobreditas siglas que-rem, talvez, dizer — *reipublicae suprascriptae* — não me parece aceitavel. O illustre archeologo teria sem duvida exemplos d'esta formula: eu por mim (o que não admira, pelo pouco lido que me confesso ser) não tenho nenhum; nem tão pouco me occorre, que o termo *reipublicae* fosse empregado no sentido que elle lhe dá, isto é, para indicar a naturalidade de um individuo qualquer. Depois seriam necessarias mais duas letras, um P (*publicae*) e outro s (*scriptae*); e não estão lá: o sabio professor lembra-se que esta falta nasceria da ignorancia do auctor provinciano. Emfim não faz caso do L que se vê em seguida ao S; mas que não obstante lá está, se a cópia é exacta. Admittida esta interpretação, Calleco (nome ao parecer, lusitano) era duumviro, provavelmente do visinho municipio *Eburobritium*; e as duas Sulpicias talvez ambas de Collippo, onde gosavam de tanta consideração os Avitos, a cuja familia uma e outra pertenciam. O appellido *Laurus* tambem não era desconhecido na Lusitania, nem tão pouco nas terras proximas de Collippo: o citado Brito copiou de uma lapide, encontrada na mencionada villa de Alfeizirão, outra inscrição, em que é nomeado um P. Lauro, duumviro do municipio.

Lê-se ainda o appellido *Avitus* no cippo que em 1868 se achou no cemiterio romano descoberto ao pé de Tavira, com esta inscrição: — IVILLAE-TIB-F-MAR || CIAE CEMINAE (Geminæ?) || AMICAE OPTIMAE || L. QVINTIVS. PRISCIONIVS || CVM CALLAEA. T. F. SEVERINA || ET-QVINTIA. AVITA. FIL. D. D.¹ O nome inteiro de Priscionio, pae de Quincia Avita, devia ser *Lucio Quincio Avito Priscionio*; o qual tendo entrado pela adopção na familia *Avito*, haveria tomado, como acima disse fallando de Servilio Avito, e o uso prescrevia, o nome todo do adoptante, com a adjuncção do designativo da sua familia natural *Priscionio*. Repito como o uso prescrevia, porque não me consta ter havido lei alguma positiva a tal respeito; antes de um logar de Suetonio² parece inferir-se, que o adoptado podia não acceitar, ou, pelo menos, renunciar o nome do adoptante. Assim o fez o imperador Tiberio (posto que o exemplo de um homem d'estes não colha muito), que, tendo sido adoptado, quando menino, por M. Galio, apenas tomou posse da herança, não usou mais do nome do seu bemfeitor.

¹ Id. ib. XIII. 45.

² Plin. Hist. IV, 21

³ Mon. Hist. P. I, III. 11.

¹ Diario de Lisboa 260 — de 14 de novembro de 1868.

² In Tib., 6.

Finalmente o sr. Hübner offerece-nos na sua collecção mais quatro inscripções, copiadas de Gruter e do nosso Canaes, todas pertencentes a Portugal: uma de um certo *Avitus, Proculi filius*; outra de um *Valerius Avitus, Valerii Marini filius*; a terceira de outra *Valerius Avitus, Sulpicii filius*; e a quarta de um *P. Popilius Avitus*.

Mas se tudo isto prova o grande poderio da familia *Avitus* n'estas regiões, já outro tanto se não pode dizer da sua antiguidade que é outro titulo de nobreza, Eu não conheço d'este appellido, pessoa mais antiga, do que A. Cluencio Avito, cavalleiro romano, contemporaneo de Cicero: mas este mesmo teria passado desconhecido, se o não immortalisára o verbo inspirado do grande orador em uma das mais bellas producções de sua eloquencia admiravel. Nos tempos posteriores acha-se na pessoa de um consul: e a historia conserva o nome do imperador Flavio Avito quasi na agonia do imperio do occidente.

(Continúa)

O socio correspondente

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

(Continuados de pag. 71).

MEDOBRIGA

V

Impugna Soares Barbosa a veracidade da narrativa de Hircio, crendo que no Herminio maior (serra d'Estrella), e não no Herminio menor (Marvão), se refugiaram os medobrigenses; porque repula este monte de facil accesso, e por isso indefensavel.

Estamos convencidos que o nosso historiador nunca viu Marvão, nem d'esta praça teve exacta noticia; porque, se a tivesse de sua formidavel posição, talhada effectivamente a pique no lugar, por onde os romanos, sahindo de Medobriga, deviam invadil-a, montuosa¹ e aspera por todas as outras partes por onde podia subir-se, não nol-a pintaria tão accessivel.

E que, em verdade, não é accessivel, como presumo, demonstra-o a nossa historia militar antiga e moderna, isto é, não só com relação ás guerras civis nas primeiras épocas da monarchia portugueza, mas

¹ «E' Marvão, ou o seu montuoso sitio, um braço d'aquella dilatada serra, a que dão o titulo de Estrella (que ennobrece a provincia da Beira), e n'este sitio da provincia do Alemtejo mostra as mesmas qualidades que ostenta na sua primeira origem. Com estas conserva n'esta parte o brazão de seu antigo nome *Herminio*, que hoje está viciado em Marvão; mas ainda menos occulto nos vestigios da famosa cidade de Medobriga, que apparecem nas faldas d'este monte, com o titulo de *Aramenha* por sua contemplação e respeito.»

Santuario Mariano por Fr. Agostinho de Santa Maria, tomo 3.º, liv. IV, tit. III, pag. 372.

com referencia ás ultimas, que ensanguentaram o paiz.¹

E se os herminios não poderam sustentar-se, dez annos antes em suas montanhas naturaes, com particular conhecimento das mais defensaveis, sendo compellidos a abandonal-as, não é maravilha que os medobrigenses, a quem este facto não podia ser desconhecido, não procurassem tal asylo, ousando antes esperar o inimigo nos cabeços invios do pequeno Herminio.

VI

HERMINIO

Monte Herminio era o nome que em tempos remotissimos teve a serra de Estrella; e foi assim chamada, porque, na antiga linguagem da Hespanha, *Hermunho* ou *Herminio* queria dizer aspero e intratavel, como na realidade o é este monte, pela aspereza de seus altissimos penedos, e antigamente o era ainda mais pela fereza dos seus habitantes. Não só os homens eram duros de sujeitar, como o experimentaram os romanos, mas igualmente rusticas e agrestes eram as mulheres.²

As serras de Estrella chamavam, pois, os nossos antigos *Herminio maior*, e a de Marvão *Herminio menor*.³ E n'este sentido é que Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção do Reino de Portugal*, cap. IX, pag. 54, diz:

«Ao longo d'este *monte Herminio*, e á sua sombra estão muitos logares, de que alguns são grandes e nobres, como a cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Marvão, Alegrete, e a cidade de Medobriga, que em tempo dos romanos foi grande e bem edificada, segundo mostram suas ruinas, e parte dos edificios que hoje se vêm, a qual, por estar ao pé do *monte Herminio*, a gente popular chama *Armenha*.»

Mais expresso é ainda o padre João Baptista de Castro, que, no seu *Mappa de Portugal*, tom. I, capitulo VI, tratando dos montes, promontorios e serras de maior nome, referindo-se particularmente a Marvão, diz:

«Esta serra é o *Herminio menor*, onde ha minas de oiro e de chumbo, e ainda se vêm ruinas da cidade Medobriga.»

¹ «Sóbe Marvão por espaço de meia legua, chegando a uma sublimidade tão grande, que d'ella se descobre a serra da Estrella, e das partes de Castella os altos montes de Bejar, parecendo estes pela distancia, e os circumvisinhos pela inferioridade, valles humidos, quando são contemplados de sua grande eminiencia.»

Santuario Mariano no livro citado.

² Veja-se a palavra *Marvão* no *Portugal Antigo e Moderno*, *Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, etc., etc.* tomo V pag. 416.

³ Veja-se a *Memoria historica sobre a vila de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão, pag. 4.

Veja-se *Serra da Estrella* no *vocabulario Portuguez de Bluteau*.

⁴ Monte *Arminho* denominou esta serra Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia*, cap. IV.

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeoloãos
Portuguezes.



HENRIQUE NUNES Phot.

ESTAMPA 15ª

Parte inferior do sarcophago d'El-Rei D. Fernando 1º
de Portugal, do XIV seculo.

André de Resende, na sua já por vezes citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*, liv. I, tom. I pag. 68, fallando do monte *Herminio*, diz:

«*Herminium* montem, et olim in epistola ad Emma-nuelem *sosam Arrumcensis* castris praefectum, virum nobilem et eruditum, et post ad Joannem Vasaeum, os tendi eum esse, in quo Alacriportus civitas, Arruncis, Alacretum, Marvanum, aliaque oppida non contemnenda, sita sunt. Ad cujus radices extant adhuc Meidubrigae urbis ruinae, non procul a Marvano castro, cujusque altissimum culmen super dirutam urbem, etiam dum veterem appellationem retinent. Herminius enim mons vocatur. Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est, Herminia vulgo dicitur sive, ut lusitane loquar, *Haraminiu*.»

Quer dizer em linguagem:

«Já ha tempo mostrei em carta dirigida a Manuel de Sousa, Alcaide-mór de Arronches, varão nobre e erudito, e n'outra posterior a João Vasen, que era no monte *Herminio* que estavam situadas a cidade de Portalegre, Arronches, Alegrete, Marvão, e outras povoações de importancia. E nas raizes d'este monte existem ainda as ruinas de Medobriga, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, conserva ainda o nome antigo, porque se chama *Herminio*. E a propria cidade arruinada, do monte, a cujo sopé se estende, ainda hoje se chama Herminia, ou Aramenha, para fallar portuguezmente.»

São correlativos, como acabamos de vêr, os tres objectos de que tratamos, esclarecendo-se reciprocamente as noticias que a cada um d'elles respeitam.

Possa o trabalho, que tivemos em colligil-as, incitar a amplial-as, como merecem, quem tenha mais vagar, e mór cabedal de conhecimentos do que o que nós possuímos.

O socio correspondente
F. R. DE GUSMÃO.

SARCOPHAGO D'EL-REI D. FERNANDO

EXPLICAÇÃO DA 15.^a ESTAMPA

A photographia d'este numero do *Boletim* é o complemento da outra que foi publicada como n.º 8, e representa a parte inferior do sarcophago d'el-rei D. Fernando I, não sendo a sua esculptura de menos apreço do que a que fôra executada na campa; e até mesmo faz ver a superioridade do engenho do artista pela variedade e merecimento da composição, em que sobressae o talento do habil esculptor, que produziu trabalho tão notavel, o melhor d'essa época que existe em Portugal.¹

Está ornamentado por tres retabulos de fôrma qua-

drada tendo um semicirculo ao meio de cada um dos seus lados, dentro do qual ha um escudo sustentado por uma mascara; este escudo está ornado com o braço de conde de Gijon marido da princeza D. Izabel, filha d'el-rei D. Fernando.

Occupam os espaços circulares 24 bustos em alto relevo com as effigies do pontifice, prelados e outros varões illustres contemporaneos do referido soberano.

Nos intervallos das figuras mixtas geometricas, que separam os tres retabulos de cada uma das faces do tumulo, estão representados animaes fabulosos, e guerreiros em attitudes grotescas, que com bastante arte enchem o espaço irregular em que foram executados; porém o mais notavel de todos, é aquelle que mostra o laboratorio de um alchimista, e este preso a um cepo está na impossibilidade de applicar os seus maleficios contra os seus semelhantes.

Na cabeceira d'este tumulo se vê o martyrio de S. Francisco; e no lado opposto a representação do convento d'esta ordem religiosa, edificado em Santarem, e a tentação com que o demo, disfarçado em diferentes animaes, vem perturbar as orações dos religiosos que estão entregues ás suas devoções nas cercanias do mesmo convento; mas a agua que brota de um penedo, e d'um monge que se utiliza d'ella, symbolisa a pureza da sua consciencia e que resistiram aos embustes do genio do mal.

O tumulo d'este rei foi collocado primeiro em um elevado coro sobre abobada de cantaria na nave principal da igreja d'este convento; mas tomando o espaço de tres de cinco arcadas que tinha a nave do mosteiro de S. Francisco de Santarem, e a tornava bastante sombria, foi depois desmanchado em 1388, e transferido para o coro por cima da entrada da referida igreja.

El-rei D. Fernando tinha antes feito trasladar os restos mortaes de sua augusta mãe para o mesmo convento, os quaes tinham estado na capella-mór da igreja dos Padres de S. Domingos, o que teve logar em 1476; porém depois de se ter renovado o tumulo do rei, ficou-se ignorando o logar para onde foi depositado o cadaver da princeza D. Constança. Todavia, ha quem afirme que a mãe d'el-rei D. Fernando fôra depositada no tumulo de seu filho, quando por ordem da Casa Real, o corpo d'este rei, que morreu em Lisboa, e esteve depositado no convento de S. Francisco da Cidade, sendo depois trasladado para Santarem.

O sarcophago quando foi entregue pelo commandante do corpo do regimento de artilheria n.º 3, para vir para Lisboa, toda a sua officialidade presenciou que o tumulo estava vasio; ignorando-se quando e por quem teriam sido removidos os despojos d'este soberano para outro logar, ficando portanto a responsabilidade de tal profanação a quem a praticou.

J. P. N. DA SILVA.

¹ Veja-se o n.º 8 pag. 121

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE LEIRIA

Amostras de materiaes de construcção remettidos á Associação dos Architectos Civis Portuguezes¹

Caixas em que são contidas	Numeros correspondentes a cada peça	Logares d'extracção	Distancias a Leiria	Quantidades de carroto que podem fazer	Preço de cada carroto	Carga d'um carro de bois	Distancia ás estradas reaes	Observações
O	1	Monte d'Algodim....	13 kilometros	1	700	0 ^m ,400	600 ^m ,0	Argila
P	2	Idem.....	13 kilometros	1	700	0 ^m ,400	600 ^m ,0	Argila
Q	3	Valle Coelho.....	12 kilometros	1	700	0 ^m ,400	1:600 ^m ,0	Argila
R	4	Casal dos Ovos.....	12 kilometros	1	700	0 ^m ,500	60 ^m ,0	Saibro
S	5	Ponte da Magdalena..	10 kilometros	1	700	0 ^m ,500	000	Saibro
T	6	Pombal.....	25 kilometros	0,5	1:400	0 ^m ,500	000	Areia
U	1	Telheiro.....	4 kilometros	1,5	600	25 adobos	4 kil. ^{os}	Adobo (260 a 280 réis o cento)
	2	Casal dos Ovos.....	12 kilometros	1	700	25 »	000	Idem.
	2							
	3	Valle Coelho.....	12 kilometros	1	700	500 telhas	1:600 ^m ,0	Telha (2:800 a 3:600 o milheiro)
	3							
	4	Idem.....	12 kilometros	1	700	500 tijolos	1:600 ^m ,0	Tijolo (1:400 a 1:800 o milheiro)

Direcção das Obras Publicas do districto de Leiria

O Director

Joaquim Miguel Pereira Abreu.

¹ Vejam-se os numeros 2.^o pag. 28 e 9.^o da 1.^a serie e os numeros 4.^o pag. 56 e 8.^o da 2.^a serie do Boletim d'esta Real Associação.

HYGIENE

CEMITERIOS PUBLICOS

Providencias que se deram nos fins do seculo passado
para a sua construcção em Lisboa

Os cemiterios publicos, que nos nossos dias se mandaram estabelecer e generalisar em todo o reino, vieram substituir o systema barbaro, indecente e damnoso de sepultar os mortos nas egrejas.

A magestade da religião, a hygiene e a decencia, exigiam que os templos, na phrase de um eminente escriptor, «deixassem de ser o receptaculo dos cadaveres e dos vermes».

Nos primeiros seculos do christianismo os finados eram sepultados em cemiterios proprios e arejados; o luxo, porém, invadiu o santuario, e os poderosos passaram a ser enterrados nos templos, manchando assim a sua pureza.

No *Tratado da conservação da saude dos povos*, do celebre medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches¹, cita o auctor varios concilios, e entre elles um de Braga, prohibindo as sepulturas nas egrejas.

Para destruir tão nociva pratica foi mister, porém, que um sem numero de escriptores distinctos empregassem as suas vigílias n'um assumpto em que tanto interessava a humanidade.

Sem nos fazermos cargo dos escriptos de Haguenot, Olivier, Maret e outros, publicados em França ainda no seculo passado, indicaremos apenas tres, que entre nós vieram á luz publica em epochas mais recentes.

1.º Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, medico e lente substituto de zoologia, mineralogia, botanica e agricultura, na Universidade de Coimbra, fallecido em 1804, escreveu: *Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas dos cadaveres nos templos, e methodo de os prevenir*.²

Ahi se refere o auctor a duas epidemias que grassaram na cidade do Porto, e a que deram causa as emanações putridas das egrejas de Santo Ildefonso e dos Orphãos, e a outra, de que ia sendo victima, originada pelo estado immundo e indecente em que achou a igreja de Alfarellos.

2.º O doutor José Correia Picanço lente jubilado da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, que falleceu no Rio de Janeiro agraciado com o titulo de Barão de Goyana, deu á luz: *Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e nos seus con-*

¹ Impresso em Pariz em 1756, e reimpresso em Lisboa no anno seguinte.

² Publicada pelo seu comprovinciano Fr. José Marianno da Conceição Veloso: Lisboa, na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego. 1800. 4.º. peq.

tornos.¹ Foi vertido do francez de Vicq-d'Azir, que o traduziu do italiano de Scipião Piattoli.²

3.º O doutor Francisco de Assiz de Souza Vaz, director da eschola medico-cirurgica da cidade do Porto, fallecido em 1870, publicou: *Memoria sobre a inconveniencia dos enterros nas egrejas, e utilidade da construcção dos cemiterios*.³

Hoje os cemiterios estão geralmente estabelecidos.

As providencias adoptadas desde a promulgação dos decretos de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835, venceram as difficuldades que, em muitas povoações do reino, se oppozeram á sua execução.

A successiva accumulacão de cadaveres dentro do recinto dos mesmos cemiterios, nas grandes cidades, inspira comtudo serios receios de que, com o correr dos annos, venha a produzir effeitos tão nocivos á salubridade geral como os que se procuraram evitar.

La fóra organisam-se associações, cada vez mais numerosas, para a reforma dos enterramentos pela incineração dos cadaveres.

A obra do allemão Ullersperger, ha pouco traduzida em vulgar, com o titulo: *Urna ou Cova? Qual é mais util para a humanidade*, falla bem alto a favor d'essa reforma. Se ella tem de prevalecer, se a pratica seguida pelos gregos e pelos romanos será a preferida, as novas gerações o saberão dizer.

O unico fim que tivemos em vista, ao escrever o presente artigo, foi dar a conhecer aos leitores do nosso jornal que, poucos annos depois que a Assembleia Constituinte organisava em França o serviço dos cemiterios, os poderes publicos em Portugal procuravam tambem estabelecer, nas proximidades da capital, um melhoramento tão urgentemente reclamado.

Possuimos os documentos originaes que o comprovam.

Em 1794 expedia o marquez de Ponte de Lima, Thomaz Xavier de Lima Telles, ao corregedor do bairro dos Remolares, José Dias Pereira, o aviso do teor seguinte:

«A rainha, minha senhora, é servida que v. m.^{ce} com o architecto do plano da cidade, Francisco Antonio Ferreira (a quem já se tem feito o aviso competente) passe ao sitio do Arco do Carvalhão, e na terra que, na conformidade da informação de v. m.^{ce}, pertence a Manuel Corrêa, faça demarcar o terreno que parecer sufficiente para se fazer um cemiterio publico; ordenando ao dito architecto que faça avaliación do terreno que se hade occupar, assim como o assentamento da obra do mesmo cemiterio, que deve ser murado, com muros de altura proporcionada, tendo no fundo um altar de pedra, e com sua porta de grade de ferro, tudo com a

¹ Rio de Janeiro, na Impressão Regia. 1812. 8.º gr.

² A obra de Piattoli: *Saggio intorno al luogo del seppellire*, foi impressa em Modena, por ordem do gram-duque, em 1774, e a traducção franceza, com o titulo: *Essai sur les lieux et les dangers des sépultures*, sahiu á luz em Pariz quatro annos depois.

³ Porto, na Imprensa de Gandra. 1835. 8.º gr.

decencia que se requer, e é própria em uma obra d'esta natureza; remettendo-me v. m.^{ca} assim o orçamento referido, como a avaliação do terreno que se hade occupar, para ser tudo presente á rainha, minha senhora, que resolverá o que fôr do seu real agrado. Deus guarde a v. m.^{ca} Palacio de Queluz, em 13 de agosto de 1794. — *Marquez Mordomo-mór.* — Sr. corregedor do crime do bairro dos Remolares.»

Estas ordens, porém, pelos embaraços que sobrevieram, não surtiram o effeito desejado, pois que no anno seguinte se expediu novo aviso, concebido n'estes termos :

» Sua Magestade manda que v. m.^{ca} proceda logo a executar as ordens que lhe foram encarregadas, para se construirem os dois cemiterios, tanto o delineado no terreno sito em o Campo de Ourique, com frente para a estrada que vae da rua do Sol para a ribeira de Alcantara, de que é proprietaria D. Isabel Francisca da Estrella, viuva do doutor Thomaz da Costa Moreira, como o outro na estrada da Penha de França, de cujo terreno é proprietaria D. Mariannã Egnacia de Moura, viuva de Bento José Alvares; regulando-se v. m.^{ca} pelas plantas juntas, para construir a capella e muros em circuito, e praticar dentro delle as escavações e mais obras determinadas. Para as despesas que houverem de fazer-se, assim na compra dos terrenos, como nas ditas obras, que v. m.^{ca} hade mandar fazer, recorrerá ao sr. marquez mordomo-mór, inspector das obras publicas, que tem as ordens de Sua Magestade para supprir com todas as despesas pelo cofre das mesmas obras publicas. Em tudo procederá v. m.^{ca} com a devida actividade, sem attenção a requerimentos, embargos, ou opposições, que tudo deve ceder a uma causa tão pia e publica como esta dos cemiterios. Deus guarde a v. m.^{ca} Palacio de Queluz, em 18 de outubro de 1795. — *José de Seabra da Silva.* — Sr. Luiz Dias Pereira¹ ».

A pesar de tão urgentes e terminantes ordens veio ainda sem effeito.

Do aviso de 13 de agosto, acima transcripto, parece não ter tido noticia o eminente juriconsulto Joaquim José Caetano Pereira e Souza pois que no seu *Diccionario Juridico* só faz menção do de 18 de outubro.

A portaria de 9 de maio de 1835, pela qual se mandou proceder á construcção dos dois cemiterios do Alto de S. João (Oriental) e de Nossa Senhora dos Prazeres (Occidental) póde ver-se no *Diario do Governo* n.º 110, de 11 do mesmo mez. O mappa das propriedades e terrenos que para elles se destinaram, preços por que foram adquiridos, nomes dos proprietarios etc., faz parte da mesma portaria.

¹ Por outro aviso de 8 de novembro foi mandado apresentar a este magistrado o architecto Francisco Xavier Fabre.

Estas duas necropolis, e mormente a segunda, pela sua situação pittoresca e poetica, pelos seus preciosos monumentos funerarios, de riquissimos marmores e custoso labor, são hoje, com justa rasão, admiradas por nacionaes e estrangeiros.

Pelo socio

JORGE CESAR DE FIGANIÈRE.

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO

Apontamentos relativos á cal

(Protoxydo de Calcio)

II

São duas as combinações do calcio com o oxygenio. Na primeira fórma-se o *protoxydo de calcio* conhecido geralmente pelo nome de — *cál* — cuja formula chimica é — CaO — e da qual todos conhecem a utilidade na edificação. Na segunda obtem-se o *bioxydo de calcio* — CaO^3 — que é pouco estavel e de pouca ou nenhuma utilidade nas artes. É da junção d'agua de *cál* com agua oxygenada que resulta o *bioxydo de calcio*.

São muitos os compostos cuja base é a *cál*, tanto como productos chimicos, como tendo directamente applicação ás artes e industrias.

Como productos mineralogicos calcarios e chimicos da mesma base, os mais principaes são 10, formados chimicamente por combinações naturaes ou artificiaes; combinações que se designam pelas formulas seguintes:

- 1.^a — Leite de cál. — $\text{CaO} + \text{HO}$ (cál viva dilluida.)
- 2.^a — Carbonato de cál. — CaO, CO^2 (cré)
- 3.^a — Chlorureto de cál. — Ca, Cl .
- 4.^a — Fluoreto de cál. — Ca, Fl .
- 5.^a — Sulphureto de cál. — Ca, S .
- 6.^a — Azotato de cál. — CaO, AzO^5
- 7.^a — Phosphato de cál. — $3 \text{CaO}, \text{PhO}^5$
- 8.^a — Phosphato neutro de cál. — $2 \text{CaO}, \text{HO}, \text{PhO}^5 3 \text{HO}$
- 9.^a — Sulphato de cál. — CaO, SO^3 (gesso)
- 10.^a — Hypochlorito de cál. — CaO, ClO

O *protoxydo de calcio* é o que se chama *cál viva* — CaO — e essa obtem-se ordinariamente carbonando a pedra calcaria por meio do fogo.

A *cál viva* no seu verdadeiro estado tem varias applicações; quanto porém em relação a edificação, o seu uso é limitado comparado com o uso que d'ella se faz depois de extincta, isto é, depois de se lhe juntar

uma determinada porção d'agua tendo então a formula chimica — CaO , HO — e ficando com apparencia de um pó branco caustico; e é pela alvura que se avalia a sua boa ou má qualidade, como se avalia a força pelo grão de causticidade. A cál no estado de — CaO , HO — chama-se nas artes — *cál extincta* ou *apagada*, e em chimica *hydrato de cál*.¹

Durante a operação da extinctão da *cál viva*, eleva-se a sua temperatura a mais de 250° , desenvolvendo-se também grande quantidade de vapores aquosos, e sente-se uma decrepitação ou estalido, que as pedras fazem ao fraccionar-se em virtude da combinação da *cál* com a agua, a qual á medida que se junta ás pedras ainda não rebentadas, parece que cae sobre carvão em braza, ou pedra quente, a ponto que o calor que se desenvolve póde incendiar matto ou materias combustiveis, circumstancia que Plinio considerou uma coisa admiravel, quando dizia: *É uma maravilha vêr o que já foi queimado pegar fogo com a agua*.

Ha por consequencia grande perigo em approximar de materias inflammaveis a *cál viva* exposta á acção d'agua.

O augmento d'agua á *cál* virgem até á diluição é o que constitue o chamado *leite de cál*, que também tem suas applicações. Privada a *cál* dos acidos a que naturalmente está unida, tem a causticidade dos alkalis, e por isso a mesma acção destruidora, sobre os tecidos animaes; como porém absorve a agua com rapidez, mesmo a contida no ar atmospherico, perde facilmente essa propriedade. A avides que a *cál caustica* tem pela agua, explica facilmente a propriedade absorvente de humidade que possui aquelle corpo em relação a objectos ou logares. A mesma circumstancia, faz que no estado de *carbonato de cál anydro* absorva promptamente a agua fundindo-se as pedras, decrepitando e augmentando de volume em relação ao corpo absorvido, isto é, que *empole*, como se diz praticamente.

Forma-se então um pó mais ou menos branco, que já não é caustico, por isso que constitue o corpo que na chimica se chama *hydrato de cál* — CaO , HO — que contém 20 por cento d'agua, e é a isso que se dá o nome *cál extincta*.

A *cál caustica* é sensivelmente soluvel em agua, e no estado de *hydrato* ainda mais, com especialidade n'agua fria.

Uma parte de *cál caustica* exige para se dissolver

¹ Para ser considerada a *cál* como boa e util nas suas applicações, é essencial que, alem da sua alvura, e alta gradação de causticidade, seja bem pulverisada, que não contenha corpos extranhos muito especialmente (silex) pedreneira, ou mesmo pequenas porções de pedra mal carbonatada (mal cozida), que seja bem extincta, isto é, sem agua de mais nem de menos, e que a extinctão tenha sido feita com agua potavel e nunca com agua salgada ou mesmo salobra, e finalmente que tenha sido cozida com matto, para que seja macia e leve; a lenha resinosa prejudica a boa qualidade da *cál*.

segundo o grão de temperatura as seguintes proporções:

Ao — O —	635	partes d'agua.
A + de 15° —	778	»
A + d + 54° —	972	»
A + d + 100° —	1:270	»

Quando porém em *hydrato*, é claro que exija menos agua para se dissolver; por isso que já então contém uma parte d'agua, que a *extinctão* operou e n'esse estado uma parte exige as seguintes proporções:

Ao — O —	476	partes d'agua.
A × 15° —	634	»
A × 54 —	720	»
A × 100 —	952	»

É por isso que a dissolução da *cál* (*agua de cál*) fervendo-se, depõe a *cál*. A *agua de cál* é um preparado muito necessario por isso que é um reagente frequentemente empregado em chimica e pharmacia e também nas analyses mineralogicas.

Obtem-se a *agua de cál* pela dissolução temporaria e agitada do *hydrato de cál*, em agua distillada, entregando-se em seguida ao repouso, e filtrando o resultado d'aquella repetida operação.

Se juntarmos uma porção de assucar á *agua de cál*, obteremos um corpo denominado *sucrato* ou *saccharato de cál*; por esse modo augmenta-se o poder dissolvente na proporção do assucar junto, que faz no composto as funcções de acido.

O liquido resultante apresenta uma singularidade curiosa. A dissolução depois de filtrada, é limpida e clara á temperatura normal; quando porém a temperatura augmenta em calor, o liquido turva-se progressivamente em relação ao augmento, até coagular-se como a clara d'ovo, e se o calor chega ao grão de ebullicão, forma-se uma massa, que abandona á agua. Á maneira que a agua esfria e volta á temperatura normal, o liquido retoma a sua transparencia e limpidez anterior.

Todos os saes de *cál* tem solubilidade negativa em relação ao calor, sendo o *saccharato* o que possui essa propriedade em ponto mais exagerado.

O socio — F. J. DE ALMEIDA.

(Continua)

NOTICIA

Ácerca dos órgãos da Real Basilica de Mafra

... à l'église c'est l'orgue que doit être le fondement de tout accompagnement.

Choron.

De todos os instrumentos o órgão, sendo um dos mais antigos, é incontestavelmente o mais bello, por-

que, de seu character sério e magestoso, é também o que offerece maiores recursos; e por isso muitos povos a adoptaram, applicando seus maravilhosos effeitos ás ceremonias religiosas.

A escriptura santa falla bastantes vezes d'este instrumento que certamente nos primeiros seculos não attingiria as proporções que ora tem.

No IV seculo, Tertuliano, Santo Agostinho, Cassiodoro, Robbio citam-o em suas obras. No VIII seculo, 737, o imperador grego Constantino enviou um d'esses instrumentos a Pepino, que o fez collocar na egreja de S. Cornelio, em Compiègne.

No IX seculo, o bispo de Freisinger mandou um órgão para Italia ao Papa João VIII. No X seculo o abbade de Aurillac, Gerard, introduziu-o nas escolas, e finalmente Santo Elphegio fez collocar em Winchester o primeiro órgão de grandes dimensões. No XII seculo já elle não era raro nas egrejas; descia porém a proporções tão acanhadas que produzia o riso a Santo Elvêdo. Quando, não raras vezes, se afastavam do fim para que tinham sido inventados, apparecia logo um artigo synodal, ou canon de concilio, que advertia o pertencer aquelle instrumento á Egreja sómente, *organo tantum in ecclesia locus sit*, e com effeito o seu emprego nas egrejas foi solemnemente consagrado em 660 por um decreto do Papa Vitaliano. Em Westminster existe o órgão mais antigo que a Inglaterra possui. O primeiro que a França teve coube á egreja de S. Severin, 1385. Em 1463 a greja de Toulouse teve 5 órgãos. Os das cathedraes de Chartes, Amiens, Perpignan, Houblioux, datam do XV seculo, assim como os de Strasbourg, Nordlinger, e Santa Anna em Ausbourg. O órgão, pois, sendo um conjuncto de instrumentos de natureza e generos divesos, é verdadeiramente um instrumento lithurgico: arsua vasta extensão, a força dos sons, os effeitos magestosos de sua harmonia suave e contemplativa, derramando-se no templo como os perfumes do incenso, accommodam-se de tal sorte, quer ás grandezas da Biblia, quer ás doçuras do Evangelho, que o tornam digno do uso sublime para que fôra destinado.

E o grandioso templo de Mafra, a peça mais importante do edificio pela belleza da sua architectura, pelo acabamento esmerado da sua ornamentação, pela perfeição de suas estatuas e altos relêvos dos seus altares, que só genios verdadeiramente inspirados podiam produzir, não devia deixar de ter taes objectos, eram indispensaveis; e D. João V, não os esquecendo, mandou construir seis órgãos. Eram elles porém de madeira ordinaria, tão feios na apparencia, e tão destituídos de arte que é bem de presumir que o fundador tencionava de futuro substitui-los. Como quer que seja, D. João VI tratou da substituição, mandando construir, sob direcção de Machado e de Fontanes, os seis órgãos, que hoje existem no grande templo. Toda a madeira que n'elles se empregou é de vinhatico, bem acabada e po-

lida, e com muito luxo de ornamentação metallica, especialmente nos dois órgãos collocados na capella-mor; estes ornatos são todos dourados, e compostos de grandes folhagens, festões, laçarias e arabescos muito variados; sobre a caixa vêem-se emblemas de musica, e varios instrumentos agrupados com muita arte. O todo é de um effeito surprehendente. Na madeira não ha obra de folha, nem estava em harmonia com a architectura da casa; é simplesmente moldada e guarnecida de filetes e cimalthas, que harmonisam muito bem com as cimalthas de marmore que torneam o templo.

Não se pôde bem precisar o custo d'essas peças tão importantes; mas, pelos documentos que existem, comprova-se a despeza de 30:000\$000 réis. As caixas, e todo o trabalho de samblagem foram feitos em Lisboa, onde se montou uma officina, da qual era mestre Raimundo José de Azevedo, com o vencimento de 1:000 réis diarios, importando as obras que ali se executaram na quantia de 10:000\$000 réis, sendo por conseguinte 20:000\$000 réis a despeza feita em Mafra nos trabalhos dirigidos por Antonio Xavier Machado, que vencia o ordenado de 48\$000 réis. Os trabalhos começaram em agosto de 1792, e terminaram em dezembro de 1807. Todavia os órgãos já tocaram em junho d'esse anno. É notavel que se não encontre nos documentos existentes o nome de Fontanes; e com tudo tres órgãos estão por elle assignados, como os outros tres o estão por Machado; também se não encontra o preço da ornamentação metallica que deveria custar alguns contos de réis; é de suppôr que fosse feita no arsenal do exercito, e por isso o seu custo não entraria em folha.

Como dissemos, os órgãos da capella-mor são os mais sumptuosos, — erguem-se elles sobre duas varandas de sacada, construidas de boa madeira do Brazil, com bonitos balaustres, e grande ornamentação metallica, toda dourada. Trataremos de um d'elles;¹ fallar de um, é fallar do outro, e com pouca differença, de todos.

Sobre a varanda está o bufête onde assenta o teclado, ornados um e outro de miudos embutidos de madeiras de côres diversas, — o teclado tem quatro oitavas e meia de extensão, — a nota mais grave é *do*. Aos lados do teclado estão, como em todos os órgãos, os registros, sendo nove por lado: na parte inferior estão os pedaes, — isto é: *abafador*, e *dois cheios*; estes produzem os sons graves e contrabaixos. Sobre o teclado, em altura conveniente, está o *sommeiro*, onde se introduzem as extremidades inferiores dos tubos que constituem a fachada do órgão, o qual, pela grandeza do tubo da nota principal, é denominado de 32.² Estes

¹ Estes órgãos estão assignados: um por Antonio Xavier Machado, e outro por Joaquim Antonio Peres Fontanes. — 1807. — Foram restaurados em 1875: — A limpeza, os concertos, e a afinação custaram 500\$000 réis. Seria para desejar que aos outros se fizesse o necessario arranjo; por isso que, achando-se bastante deteriorados, tres estão completamente inuteis.

² Segundo a grandeza em pés do — *do* — do registro principal,

tubos são em numero de 103, sendo 21 collocados em sentido vertical, e 82 em sentido horizontal; são todos de folha de estanho, e a sua disposição é semicircular como a figura do *sommeiro*. Os tubos verticaes são de boquilha, os horizontaes, de palheta. Na parte superior, e sobre os tubos verticaes, apparece magestosa a ornamentação dos emblemas de musica que produz um effeito assaz brilhante e gracioso, como já disse-mos.¹

Trataremos do mechanismo interno. Da extremidade de cada uma das 54 teclas que entram no bufête, ou meza onde assenta o teclado, parte um fio de metal que prende nas valvulas, as quaes se abrem quando a tecla desce sob o impulso do tocador: como os conductores do *sommeiro* não podem estar tão juntos como estão as teclas, resulta que o fio que prende a estas não possa ir ligar-se immediatamente á valvula; para isso ha entre o teclado e o *sommeiro* um tear de alavancas, cujos braços são destinados, um a receber o fio que vai da tecla, e o outro a transmittil-o á valvula, fazendo um pequeno movimento, isto é, igual ás da tecla, e o bastante para que da valvula saia ar sufficiente a produzir o som nos respectivos tubos. Os pedaes operam por um systema analogo.

Os registros constituem igualmente um systema de alavancas, cujos braços, vindo á superficie do bufête, e aos lados do teclado, são movidos pelo tocador segundo as exigencias da musica a executar, — servem elles para fazer tocar os diversos instrumentos, a saber: *Trompa magna, Fagote, Clarão, Flautado de 6 tapado, Flauta em 6, Flauta em 12, Flautado violão, Flautado de 24, Clarim, Clarinete, Oboe, Corneta ingleza, Flautim, Flauta doce, Flauta romana, Flauta em 12, Flautado de 24, Trompa real*. Os registros d'estes instrumentos não abrangem o teclado todo, mas sómente metade, e por isso o tocador tem de combinar os de um com os do outro lado.

Os pedaes, que produzem o effeito dos cheios dos flautados, contrabaixos e tambores, abrangem o teclado inteiro, assim como o abafador, collocado á direita dos pedaes.

Da perfeita combinação dos registros resultam effeitos os mais lindos, e a mais agradável harmonia.

Os *sommeiros* e reservatorios do ar são um composto de tres mezas collocadas com intervallos convenientes

o orgão toma o nome de orgão de 4 — 8 — 16 — 32, porque as dimensões dos tubos dos outros registros estão subordinadas ás dimensões do tubo principal.

¹ Tubos de boquilhas são aquelles cujo pé se introduz no *sommeiro*, em sentido vertical; acima do pé abate-se a figura cylindrica do tubo, formando o que se chama labio. O ar passa do pé para o tubo por uma lamina adaptada ao labio, e a que se dá o nome de embocadura. Os tubos de palheta, collocados em sentido horizontal, têm na parte inferior um canal em forma de bico de pato; uma palheta de metal, posta em vibração pelo ar, dá ao tubo o som que lhe é proprio; um fio de latão sobre a palheta, e a que se dá o nome de compressor, serve para a afinação.

umas sobre as outras, e com largura e extensão bastante a receberem os tubos e os jogos dos registros.

(Continua)

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES

(socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.)

CHRONICA

O insigne architecto mr. Duc, membro do Instituto, e nosso muito distincto socio correspondente, que delineou o magestoso palacio de Justiça em Paris, e mereceu o grande premio de 16 contos de réis por ter executado a mais importante obra artistica em França em 1870, acaba de receber agora uma outra grande distincção, tendo-lhe sido conferida n'este anno a *grande medalha d'ouro* pelo Instituto Real dos architectos britannicos, como devido premio ao seu raro e talento consummada pericia. Esta preferencia dada a um estrangeiro pelo Instituto britannico faz conhecer o gráu elevado do merecimento do nosso confrade laureado, e tambem dá muita honra áquelle respeitavel Instituto, pois que, quando remunera um artista, tem unicamente em consideração o seu real merecimento, e não escolhe a nacionalidade para lhe conferir estas honrosas recompensas.

* *

N'uma recente descoberta que teve logar em Ferreira de Zezere, d'um forno romano, se encontrou dentro d'elle uma telha de barro cozido com o comprimento de 0,42 centimetros, tendo sobre a sua superficie superior uns laivos como especie d'arabescos; porém o que lhe dá um grande merecimento a este achado, vem a ser, mostrar pelo exame feito n'este objecto, que era *um modelo* para servir á fabricação de outras telhas com identicos labores, não sómente por ser a unica achada dentro do referido forno, para a conservar para o fim indicado, como por apparecerem as suas arestas, (no meio do seu comprimento), com signaes evidentes de ter servido muitas vezes para essa fabricação: portanto é um achado archeologico de muito apreço que Portugal possuia, e hoje se acha exposto no museu d'esta Associação.

* *

O ex.^{mo} sr. barão de Maynard, encarregado dos negocios de França em Portugal, teve a bizzarria de offerecer para o museu d'archeologia do Carmo uma *escrevaninha* executada em pedra da epocha da renascença, encontrada por s.^a ex.^a na provincia da Extremadura portugueza, e que parece ter pertencido a um convento.

O feitto é gracioso, além de ser apropriado para o seu uso; e ainda não conhecido com feitto semelhante.

Esta dadiva feita pelo illustre diplomatico á Real

Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes é sobre maneira bastante lisongeira para o nosso paiz, pois cedendo-a generosamente para o museu, manifestou s. ex.^a o quanto anhela pelo augmento d'elle, e não quiz privar Portugal d'um objecto fabricado entre nós. Esta acção de tão delicado cavalheirismo, por um distincto amator de antiguidades como é s. ex.^a, deve ser tomada como sendo o maior testemunho de consideração que dispensou para com a mesma associação: receba portanto o sr. barão os nossos agradecimentos, o seu illustre nome não será sómente respeitado no seu paiz, elle será tambem entre nós citado como mais um dos protectores esclarecidos do museu de archeologia de Lisboa.

* *

Tomaram parte na exposição de Bellas Artes n'este anno em Paris 66 architectos, sendo os seus differentes projectos relativos ás seguintes edificações: egrejas 16; hospitaes 4; paços de concelho 5; palacios de justiça 7; escolas 6; monumentos 2; museus 4; portal 1; capella 1; abbas 2; fabricas 4; casas de campo 3; arcos de triumpho 2; restaurações archeologicas 6; casino 1; chaminé monumental 1; templos 2; collegios 3; moveis 1; mercado 1.

* *

Em Cahors (França) foi descoberto um *forno romano de oleiro* pelo architecto mr. Coëque-Nerelie, na occasião de abrir os cavoucos para a construcção de um quartel; tendo-se achado proximo uma grande quantidade de louça de barro, a maior parte quebrada; porém de bella qualidade. Esta descoberta é muito interessante, como são todas as que pertencem aos vestigios da arte de construir dos romanos.

O nosso collega nos pediu informações a respeito do forno da mesma natureza que foi descoberto em Portugal no Outeiro de Ferreira de Zezêre.

* *

O nosso digno socio correspondente sr. Portella, director do *Jornal de Setubal*, tem publicado, em varios artigos, uma noticia curiosa sobre um marco antigo com duas cabeças que existe n'aquella cidade, e procurado com judiciosas reflexões conhecer qual seria a sua origem e significação. Havendo-nos enviado esta sua publicação, que muito lhe agradecemos, tomamos a liberdade de lhe offerecer em relação a este objecto, alguns dados, que talvez possam servir para se achar a explicação d'esta antiga esculptura.

A idéa da representação de um corpo com duas ou tres cabeças encontra-se nas concepções mythologicas de quasi todos os povos da antiguidade. Uma das mais celebres n'este genero foi a de Géryão, o rei da Iberia.

Não se ignora a forma sob a qual os esculptores tem representado este personagem nos monumentos os mais antigos.

O historiador *Marcellin* falla de dois tyrannos crueis a quem Hercules matou, nas suas aventuras na Hespanha e na Gallia; e aquelle que desolara a Iberia seria por ventura representado no referido marco: portanto pode-se attribuir, tendo tido estes dois tyrannos um character analogo, o haver-se-lhes dado uma forma identica na sua representação pelo excultor.

Emblemas d'este genero tem sido achados em differentes partes; alguns antiquarios supõem tambem representar *Janus*, a divindade que symbolisa o presente e o futuro.

* *

Em França acaba-se de fundar cursos de archeologia junto das universidades livres, e egualmente nos seminarios, que deverão prestar valiosos serviços no ensino da archeologia, e mui principalmente sobre as antiguidades nacionaes. Quando em Portugal se pensará em crear tão necessario e util ensino? Não seria já tempo de seguir os louvaveis exemplos que as outras nações mais cultas nos offerecem a tal respeito? Não seria certamente esta despeza que aggravaria o orçamento do paiz, e o quanto ella não deveria contribuir para conservar á nação tantas preciosidades que a incuria e a ignorancia já nos tem prejudicado bastante com desdouro para a nossa civilisação!

* *

Inaugurou-se em Roma um instituto de archeologia christã, do qual é presidente o sabio archeologo sr. commendador J. B. de Rossi, nosso digno socio honorario; e vice-presidente o sr. R. P. Bruzza.

O instituto terá duas sessões em cada mez nos domingos ás 3 horas; e publicará um boletim com estampas. Parabens á Italia.

* *

Um importante facto praticado pelos povos da epoca néolithica vem de ser demonstrado, e é, que elles faziam a extremamente delicada operação chirurgical do *trepano* na epoca prehistorica!

Hoje está convencido o celebre doutor mr. Broca, pelo exame a que havia procedido de diversos craneos, em que todos mostram que lhes fora extraida uma rodella muito regular, como tendo sido executada por um operador methodico.

Acreditando-se ter isso sido feito sob a inspiração de uma influencia moral, por se ter notado em tão grande proporção, haver sido praticado nos craneos da população da idade da pedra polida; afim de se obter como um *amulêto*, não só pela forma que o osso apresenta, como pela solidez do tecido osseo, que indica ter sido feita a operação na parte sã do craneo; refuta-se portanto a opinião de serem accidentaes semelhantes cicatrizes.

J. DA S.